

A Imago Pessoal, o Self e o Trabalho Corporal

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Nesta aula, Sandor aborda as dificuldades para construir o caminho do encontro com o Eu pessoal. Para isto é preciso reconhecer, lidar com e elaborar as forças do coletivo externo que nos dão a impressão de segurança e sentido de pertença.

“Agora, se a gente brinca com esse Eu pessoal e percebe que quer se desenvolver apenas em função de uma certa doutrina, uma certa ideologia, isto, para os primeiros passos é ótimo, porque realmente atua como uma fábrica de salame: aquela massa está sendo enfiada naquele tubo e vai sair salame, 10 m, 30 m, 100m, mesmo tipo de salame vai sair. Então, para a primeira fase isso é bom. Mas a gente não quer ficar até o fim da vida salame. Vêm depois outras composições e outras misturas.

Então, a percepção do Eu pessoal ocorre desse jeito, mas em função da receita de salame. Mais tarde, em função da Pomarola, em função da Hellmans. Depois a gente tem que deixar de se adaptar, tem que deixar de seguir receitas, como os hindus dizem, a gente tem que procurar o caminho até que descubra que ele é o seu próprio caminho. A gente tem que se transformar no seu próprio caminho. Porque se não se transforma e não é caminho, então não poderá andar. Da mesma maneira, a gente, em certa fase, tem que deixar as receitas que serviram muito bem como condicionamentos e como muletas e como, vamos dizer, colocações externas, para depois manifestar-se com seu próprio estilo, com sua própria configuração e, já assimilando tudo aquilo que vem ao encontro da pessoa, com uma configuração própria, com uma peneira, ou crivo próprio e transmitir isso também. Interessante, uma doutrina oriental diz: não basta que alguém tenha a abertura, uma atuação pia, entregue à divindade, para receber a força e até querer servir como instrumento para transmitir a força – assim dizem eles – se não tem o próprio colorido com que possa condicionar essa força. Exige-se que tenha o seu próprio colorido, a sua própria saliva para tornar digerível para os outros. Eu penso naquilo quando

as mães comem, no Nordeste, tiram e depois põem na boca das crianças, já pré-digerido tudo. Então, sempre temos que ver, nas sessões, se a pessoa já tem a própria saliva, ou ainda utiliza a saliva econômica, ideológica, etc., que não é exatamente dela. Certamente a Igreja, durante muito tempo, estava exigindo utilizar a saliva eclesialística.”

Neste processo de encontrar a própria saliva, temos que abandonar as aquisições condicionadas para deixar emergir de dentro de si seu Eu pessoal.

“No texto ‘Função Transcendente’, Jung relata o caso de uma professora de desenho, que durante a terapia foi proposto a ela desenhar aquilo que vem espontaneamente, e fez as garatuñas mais infantis possíveis. Porque conseguiu destacar-se de sua formação profissional e não quis desenhar coisas bonitas, mas entregou-se ao processo interno que, por enquanto, fez surgir coisas só primitivas. Nem em termos artísticos, primitivas.

E muitas pessoas têm medo disso, tem vergonha de voltar ao ponto onde começaram a entrar em meandros e reiniciar realmente com tentativas meio infantis. Mas tudo é questão de empenho: empenho e treinamento. Tudo! Desde o trabalho braçal, até o trabalho mais sutil, mais interno. Isso podem ler em vários livros de Alice Bailey, como tem validade no desenvolvimento humano aquilo que vocês aprenderam tão ferozmente no curso básico: ensaio e erro. Não é vergonha errar; é vergonha errar quando sabemos que vamos errar e mesmo assim tentamos algo ainda em tempo não devido. Mas, na aprendizagem, e a nossa vida é uma grande aprendizagem, muita coisa sai errada, tem muita coisa que pode ser remendada depois.”

Seguindo a meta da individuação, a gente tem que trabalhar para que, ao menos aquela parte programada que existe dentro de nós como inconsciente, torne-se consciente.

“Em relação com isto, uma de nossas colegas, que em geral preocupava-se muito com ela mesma, com seus pais, com as rixas da família e depois, graças a Deus, encontrou um companheiro muito adequado para ela, que conseguiu tirar um pouco essa preocupação das rixas familiares -- o que faz tal titio, o que fez tal titia -- e até conseguiu encaminhá-la com mais amplitude à sua atividade profissional, que anteriormente foi também muito bem executada, mas sempre foi prejudicada por essa preocupação familiar. E, a última vez, quando quase por acaso encontrei-me com ela, ela disse: ‘Será que – aquela constante pergunta que ouço de colegas mais jovens – será que estou pirando?’ Digo: por que acha que está pirando? ‘Sabe, vou agora dizer algo que não disse para ninguém: às vezes sinto que dentro de mim existe um outro eu meu, que nem é eu, mas é algo superior, mas por enquanto é muito pequeno e tem que crescer, e não sei como fazer crescer.’ Eu disse: deixe que cresça! ‘O que devo fazer? Devo ler livros,

devo me inscrever nos rosacrucianos, nos teósofos?’ Eu disse: não precisa nada disto. Deixe que essa sensação exista firmemente dentro de você.

Nela era muito patente que aquela preocupação, desde que a conheço, há dez anos, sempre com a família, que titio roubou dinheiro de papai, a irmã da minha mãe disse isto ou aquilo sobre meu irmão e assim dessa maneira, que com esse casamento bem conseguido libertou-se em boa porção e ela começou a perceber dentro de si a atuação do Self.

Eu não falei muito sobre Self, embora ela conhecesse do que se tratava, para que permaneça dentro da redação dela, na forma de redação dela, não precisamos logo: isto é isto e aquilo é aquilo, para que não se pendure em conceitos junguianos, já que ela estava sentindo tão plenamente e tão evidentemente essa atuação interna. Então deixemos que ela tenha seu próprio vocabulário a respeito.

Isto a gente pode fazer também com os pacientes, devemos falar – isto também é uma banalidade – a linguagem do paciente e não a linguagem do livro, mesmo que gostemos muito daquele livro escrito por Jung, ou por Toni Wolff, ou por qualquer dos iniciadores dessas linhas.”

Voltando à questão da individuação, Sandor, ainda nesta aula, reafirma a presença do Self no amadurecimento e realização psíquica, apesar da resistência e identificação dos seres humanos às suas condições pessoais.

“O mais terrível é quando o homem, ou mulher, fica preso à sua própria condição, porque invariavelmente vão surgir conflitos, vai surgir uma neurose desse ou outro tipo, e até pode haver assim, não uma ameaça, mas um aceno de uma perturbação psicótica. Por isso, uma das tarefas que, hoje em dia, dentro da nossa profissão temos que perceber é até que ponto esta pessoa está também agarrada à sua própria imago; até que ponto conseguiu descobrir e encarar com certo humor e com certa seriedade e, ao mesmo tempo, com certa atitude lúdica, sua própria imagem, sua própria índole, sabendo que tudo isto é algo relativo, até efêmero, porque há constante transmutação, existe constante alteração, e a gente ou progride, ou regride, parada não existe. Uma parte das neuroses ocorre por causa da regressão e, como disse, parada praticamente não existe. A gente só sente que é parada, mas já é regressão.

Agora, se um profissional conhece um pouquinho os sonhos, as fantasias, ou sabe avaliar só um pouquinho os desenhos, ou mesmo testes, seja Rorschach ou TAT, perceberá invariavelmente do que se trata. Mas, se um profissional, ou uma profissional, está emaranhado em problemas próprios, esses problemas vão criar um ponto cego e, em relação com o paciente, vai haver um jogo de patinação, onde vão girar um em torno do outro, e vice-versa, evitando cuidadosamente, de modo inconsciente, tocar todos

aqueles pontos onde reside um rabinho do problema verdadeiro, porque nem um, nem outro, quer na realidade abordar, mas isto não é consciente neles.

Mas, de novo tenho que dizer que o trabalho corporal pode fazer muito nesse sentido, agora não quero marcar ninguém, mas notei várias vezes que aquelas colegas que têm um certo tipo de chique de trabalho corporal, ou durante certo tempo executaram, depois de uma vez tiveram certa aversão de continuar -- aqueles que não se sentiram aptos é uma outra coisa -- aqueles que tiveram uma aversão estavam com problemas, justamente sentindo de modo inconsciente que o trabalho corporal com pacientes abriria também seus próprios problemas, e contra isto houve, existiu um certo tipo de temor. Aqueles que, depois de certo tempo aprendendo a trabalhar e depois de certo tempo abandonaram, com os mais diversos tipos de pretextos, significa que ficaram encalhados em seus próprios problemas, e criou-se uma insegurança a respeito desse trabalho, porque se não teriam que também enfrentar junto com problemas dos pacientes, os seus próprios problemas, de modo como fosse um espelho, porque o paciente espelharia esses problemas.

Naturalmente essas pessoas, esses colegas não realizaram dessa maneira, nessa redação aquilo que agora disse, mas tudo isto existe dentro deles, delas, como um tipo de temor, um tipo de medo, um tipo de recato, às vezes um tipo de reverência até, às vezes, mas em todo caso um tipo de temor de se aproximar mais a si mesmos, porque trabalhando com o corpo do paciente invariavelmente emergirá, eclodirá dentro delas aquilo que não querem, por enquanto, ver, ou preferem não ver, que naturalmente não é um conhecimento factual, não sabem o que não querem ver, mas sentem que há muita coisa que preferem não ver, ou não sentir, ou não experimentar, que eventualmente tirariam da comodidade familiar, ou comodidade profissional, ou da comodidade existencial, ou até da comodidade econômica.

Não sei se haveria qualquer contribuição a respeito. Toquei agora um problema que certamente criou certas repercussões, às quais eu gostaria de ouvir umas, ou muitas...

(Silêncio)

Eu não disse que vamos ter um minuto de silêncio em prol da libertação dessas pessoas que ficaram fisgadas no seu próprio esquema!

Aluna: *Deixa eu falar então... Há muito tempo que eu tenho contato com essas técnicas, desde a faculdade. Achei muito difícil usá-la para o trabalho, enquanto não rompi certa distância que eu mantinha com meu corpo, acho que nessa distância do corpo eu mantinha asseguradas uma*

porção de coisas, o casamento, uma determinada posição onde eu trabalhava... A partir do momento que deu para eu enfrentar isto, que foi muito através do corpo, numa outra abordagem, aí deu para eu trabalhar com o corpo das pessoas, quebrou esta parede. Mas vamos dizer que fiquei uns quatro, cinco anos conhecendo essas técnicas e sem usar com as pessoas, mas eu sabia que tinha uma inibição, que eu sabia fazer as coisas, mas não funcionava, eu não conseguia chegar nas pessoas.”